

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**Corrupção - um problema de todos**

A questão da corrupção traduz um problema que, de diversas maneiras, nos afecta de modo mais ou menos evidente a todos



António João Maia

A corrupção é um termo e sobretudo uma questão que tem acompanhado o dia-a-dia das nossas vidas. Com frequência ele passeia-se nas primeiras páginas dos jornais e entra-nos pela casa dentro através das televisões e das rádios. A propósito das mais variadas situações, apresentadas com contornos de maior ou menor suspeição e envolvendo nomes de instituições e de pessoas – quase sempre de destacas figuras da vida social, política e económica –, vamos sendo alimentados com a noção de que a corrupção está um pouco por todo o lado, que faz parte do universo da política e dos negócios e que mina a confiança tão importante nas relações entre o público e o privado e, particularmente, das pessoas umas com as outras.

Enfim a questão da corrupção traduz um problema que, de diversas maneiras, nos afecta de modo mais ou menos evidente a todos...

Se perguntarmos às pessoas se são a favor da corrupção, ou se elas próprias são corruptas, certamente que nos responderão, de modo franco e convicto, que “são contra a corrupção”, e por isso “consideram não ser corruptas”. Se a questão for considerada assim de modo abstracto, facilmente se percebe que ninguém seja a favor da corrupção, até

Vamos sendo alimentados com a noção de que a corrupção está por todo o lado

Todavia, a noção que as pessoas traduzem é a de que a corrupção é um problema dos outros

porque todos temos a noção de sermos íntegros e pessoas de bem.

Mas se perguntarmos às mesmas pessoas o que pensam dos outros relativamente às referidas questões, provavelmente vão-nos dizer, de modo igualmente franco e sincero, que “a corrupção está justamente nas suas atitudes e sobretudo nas suas práticas”. A noção que nos transmitirão será a de que “as outras pessoas, à sua medida e de modo mais ou menos evidente, denotam sinais de poderem ser corruptas, nomeadamente quando estão ligadas à vida política e ao mundo dos negócios”, espelhando assim as imagens que lhes chegam pela comunicação social.

Com esta percepção – que, relativamente a Portugal, é confirmada pelos resultados do Barómetro da Corrupção, questionário anualmente realizado pela Transparência Internacional – podemos concluir (para lá de outras leituras admissíveis) que, em função do ponto de vista que consideremos, ou temos uma sociedade sem corrupção (a partir da auto-imagem de cada “eu”), ou uma sociedade em que todos, cada um à sua medida, são corruptos (a partir do olhar de cada sujeito sobre “os outros”).

Ora, como é bom de ver, a realidade do problema não é uma coisa nem a outra. Ela estará seguramente algures entre estes dois pontos-limite, havendo sinais, como referi em “Corrupção em Portugal – entre a percepção e a realidade”, de que a dimensão efectiva do problema seja inferior

à que é estimada pelas pessoas.

Todavia, a noção que verdadeiramente as pessoas traduzem é a de que a corrupção é um problema dos outros. Por isso consideram estar fora do seu alcance qualquer esforço ou contributo para o alterar. Por isso tendemos a adoptar a estratégia da avestruz, que nos leva a fechar os olhos e a pactuar com situações muito simples com que por vezes nos cruzamos, como seja o ato de alguém, sem razão que o justifique, querer passar à frente na fila para o almoço, ou para adquirir o bilhete do comboio.

Mas a corrupção também tem a ver connosco quando pedimos, ou concedemos, um pequeno favor para um “lugarzinho lá nos serviços”, ou para chegar mais depressa e nas condições pessoais mais vantajosas, à “decisão do nosso processo” na junta de freguesia, desconsiderando tudo o que está pelo meio e deve ser respeitado, ou seja os princípios, as regras e fundamentalmente o interesse colectivo.

Enquanto não tivermos a noção de que a corrupção é verdadeiramente um problema de todos, dificilmente ganharemos consciência do papel determinante que está reservado a cada um de nós para a redução da sua dimensão...

Escreve à sexta-feira



Corrupção, um problema que nos atinge a todos.

SESSÕES CONTINUAS

LAURO ANTÓNIO

Dar alta aos mortos

Dir-se-ia notícia falsa de Halloween, mas não era. No Hospital de Aveiro, os mortos entram pelas urgências, passam pela triagem com pulseira negra, sendo-lhes depois dada alta. A pulseira negra julgo-a apropriada, sempre é mais estética do que aquele bilhete identificativo, preso ao dedo grande de um dos pés, com um elástico ou um cordãozinho. Pode dizer-se que é um pouco “gótico” e haverá cadáveres mais conservadores que não gostarão do adorno. Mas está de acordo com o momento, temos de concordar. Já a entrada pelas urgências se me afigura um disparate e uma perda de tempo. Infelizmente, um cadáver não tem “urgências” desse tipo, sobretudo num hospital. Poderia ter tido, momentos antes de falecer, ao entrar nas urgências de um hospital que não estivesse ocupado a triar defuntos bem defuntos, segundo as regras da Triagem de Manchester.

Estas notícias têm sempre, no entanto, o seu lado positivo. Ficámos a saber que se utiliza esta técnica para que, “de uma forma rápida e eficaz, entre as milhares pessoas que por dia recorrem aos serviços de urgência, seja possível identificar os casos mais graves”. Quanto mais grave for a situação, diferente será a cor, e mais rapidamente será atendido, ou não, o paciente. Mais explica o “Meu Fiel Enfermeiro”, na web, que “a triagem é realizada logo após a admissão do utente no Hospital, onde após observação, por um profissional de saúde competente para o efeito, de um conjunto de sintomas será atribuída uma cor, correspondente à prioridade e ao tempo médio de espera até à primeira observação médica.” As cores existentes são: vermelho, laranja, amarelo, verde e azul, sendo esta a ordem decrescente de prioridade no atendimento.

O preto deve ter sido acrescentado de urgência, num caso de vida ou de morte. Mais de morte, sabe-se agora. Os “sintomas” são claros. Por isso se compreende igualmente que ao defunto seja dado alta, depois de “primeira observação médica”.

Inquirido, o hospital de Aveiro informou que “os cadáveres não entram em contacto com os doentes nas urgências”. Parece-me bem. Se entrassem em contacto com os doentes deveriam ter uma outra cor na pulseira. Não consta que os cadáveres entrem em contacto com alguém a não ser em sessões de espiritismo, e isto sempre para quem em tal acredite. Nessa medida, dar “alta” aos mortos será justo e apropriado. Um pouco bizantino, concordemos, mas absolutamente coerente com o tempo que atravessamos.

Escreve à sexta-feira